

SESSÕES DO PLENÁRIO

8ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 28 de março de 2025.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN (ad hoc)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente tema *Fraternidade e ecologia integral* e o lema *Deus viu que tudo era muito bom*, proposta pela deputada Maria del Carmen, que vos fala, e o deputado Marcelino Galo

Convido para compor a Mesa o coautor da sessão especial, deputado Marcelino Galo; o assessor especial da Secretaria Especial de Relações Institucionais do Estado da Bahia (Serin), Sr. Yulo Oiticica, representando o governador neste ato; o presidente-executivo da Ação Social Arquidiocesana e pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, padre José Carlos, nosso querido padre Zé Carlos. (Palmas)

(O deputado Marcelino Galo assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Em nome da nossa presidente desta sessão, deputada Maria del Carmen, convido para compor a Mesa o padre Ferdinando Caprini; o padre Lázaro Muniz, pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; e a coordenadora do projeto Levanta-te e Anda, da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, Gilcilene Ferreira Silva, a irmã Lena. (Palmas)

(A deputada Maria del Carmen reassume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Dando continuidade, convido todos para ouvirmos de pé a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Como proponente da sessão, vou utilizar a tribuna, mas, antes, passar a presidência para o deputado Marcelino Galo assumi-la enquanto eu faço minha fala.

Quero comunicar a ausência do nosso arcebispo. Ele esteve ontem nesta Casa recebendo o Título de Cidadão Baiano, então é o mais novo filho desta terra por meio desse título oferecido pelo deputado Alex da Piatã. (Palmas)

Ele já esteve aqui conosco hoje. Como a nossa sessão estava marcada para as 10 horas, ele teve problemas. Depois o padre Zé Carlos vai falar daqui da mesa ou, se quiser, da tribuna, vai trazer a mensagem que o nosso D. Sergio nos encaminhou nesta manhã. Ele esteve aqui, mas não pôde continuar porque está com um irmão hospitalizado na UTI, não na Bahia, mas em São Paulo. Portanto, teve que sair para resolver a sua ida.

Vou utilizar a tribuna, vou tentar, pedindo desculpas porque minha saúde andou meio complicada.

(O deputado Marcelino Galo reassume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Ouviremos agora as palavras da proponente desta sessão, a deputada Maria del Carmen.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN: Bom dia! Bom dia a todas e todos!

(Lê) “Bom dia a todas as pessoas que estão aqui, nesta manhã, conosco, é com o coração cheio de gratidão que volto a esta tribuna para presidir mais uma vez a sessão especial da Campanha da Fraternidade, promovida pela Assembleia Legislativa da Bahia, desta vez, com muito carinho, com muita amizade, ao lado do deputado Marcelino Galo, companheiro incansável na defesa do meio ambiente e dos direitos humanos...” Dividir esta sessão especial com você, Marcelino, me honra muito.

“(...) Como muitos sabem, enfrentei recentemente um desafio de saúde, mas, graças a deus, ao cuidado da equipe médica, ao apoio da minha família, de amigos e da energia emanada por vocês, estou aqui me recuperando, sim, me recuperando, mas de pé, com fé e esperança renovadas...”, (palmas), “(...) pronta para seguir na luta por uma Bahia mais justa, mais humana e mais viva.

Quero saudar, de forma muito especial, o querido padre José Carlos, grande parceiro na construção deste momento que já virou uma tradição neste Parlamento. Estamos aqui para reafirmar que fé e política caminham juntas quando o que está em jogo é a vida.

Saúdo também todos os representantes da igreja, da sociedade civil, dos movimentos populares, dos educadores, jovens, ambientalistas e tantas outras pessoas que, com coragem e generosidade, constroem o bem comum todos os dias.

A Campanha da Fraternidade 2025 nos traz um tema urgente: *Fraternidade e ecologia integral*, com o lema profundamente bíblico: *Deus viu que tudo era muito bom* (Gênesis 1:31). Isso não é apenas uma afirmação poética, é um chamado. Um chamado à responsabilidade, à conversão, ao cuidado com a criação e com os mais pobres.

Vivemos tempos de grave crise socioambiental. O Brasil já sente os efeitos de uma emergência climática que ameaça a vida e a dignidade humana. Segundo estudo técnico da Confederação Nacional de Municípios (CNM), mais de 5 milhões de pessoas já tiveram suas moradias destruídas ou danificadas nos últimos 10 anos, sendo obrigadas a abandonar seus lares por causa de desastres naturais.

Ainda de acordo com a CNM, 94% dos municípios brasileiros decretaram situação de emergência ou estado de calamidade pública ao menos uma vez entre 2013 e maio de 2024. Foram mais de 2,5 milhões de moradias afetadas, com 115.992 casas totalmente destruídas e um prejuízo declarado de R\$ 36,2 bilhões só no setor imobiliário.

A Região Sul concentrou 43,4% desses casos, seguida do Sudeste, com 25,5%; Nordeste, com 15,5%; Norte, com 10,8%; e do Centro-Oeste, com 5%. Esses números escancaram o quanto é urgente repensarmos nosso modelo de

desenvolvimento e buscarmos caminhos sustentáveis e justos. Nossa Bahia também tem enfrentado tragédias causadas por alagamentos, estiagens e degradação ambiental, e quem mais sofre com isso são os mais pobres, as comunidades ribeirinhas, quilombolas, indígenas e os moradores das periferias urbanas.

O papa Francisco nos alerta que ‘tudo está interligado’. Não há como separar o cuidado com o meio ambiente da justiça social. E agora, em 2025, celebrando os 10 anos dessa encíclica e os 800 anos do *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis, e às vésperas da COP30, na Amazônia, esse chamado se torna ainda mais urgente.

A ecologia integral que a campanha propõe é mais do que uma pauta ambiental, é um projeto de vida. É pensar o planeta como casa e não como depósito. É rever hábitos, valores, políticas e prioridades. É enfrentar a lógica do consumo desenfreado, da exploração, da desigualdade. É cultivar relações mais humanas, mais justas e mais fraternas com as pessoas e com a natureza.

Aqui na Bahia, a realidade também nos desafia. O desmatamento, o avanço do agronegócio sobre áreas protegidas, a contaminação das águas, o descaso com os territórios tradicionais, tudo isso exige posicionamento, ação e compromisso.

E, como mulher, mãe, cristã e parlamentar, digo com firmeza: defender o meio ambiente é defender vidas, é garantir o direito à água potável, ao alimento saudável, ao ar limpo, à moradia digna, à espiritualidade e ao bem-viver.

Estamos num momento decisivo. A Campanha da Fraternidade nos oferece a chance de transformar não apenas estruturas, mas também corações. É uma oportunidade de semear a conversão ecológica nos nossos lares, escolas, igrejas, parlamentos e governos. Porque, sem cuidado, não há futuro.

Quero agradecer a cada pessoa presente por fazer parte dessa caminhada. Que esta manhã de reflexão nos inspire a agir com mais amor, mais consciência e mais solidariedade. Que possamos ser, como São Francisco, guardadores da criação e promotores da paz.

Que Deus nos abençoe e nos fortaleça nessa missão.

Um forte abraço e muito obrigada pela presença de todos vocês.” (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo): Passo a presidência desta Mesa de volta à deputada proponente, Maria del Carmen.

(A deputada Maria del Carmen reassume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Quero convidar, para compartilhar a Mesa conosco, a tenente Sylvia, chefe do Same, representando o comandante da Base Aérea de Salvador, coronel Sobreira. (Palmas)

Ouviremos agora o hino oficial da Campanha da Fraternidade com o diácono Marcelo Batista e a irmã Ana Castro, voz e violão.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra ao padre José Carlos, que vai transmitir uma mensagem do nosso arcebispo. (Palmas)

O Sr. JOSÉ CARLOS SANTOS SILVA: Ex.^{ma} Sr.^a Deputada Maria del Carmen; Ex.^{mo} Sr. Deputado Marcelino Galo, proponente e co-proponente desta sessão especial; Sr. Yulo Oiticica, assessor especial da Secretaria Especial de Relações Institucionais do Estado da Bahia, representando o governador do estado; tenente Sylvia, chefe da Same, representando o comandante da Base Aérea de Salvador, coronel Sobreira; padre Ferdinando Caprini, representante do CAPDV; Sr.^a Gilcilene Ferreira Silva, coordenadora do projeto Levanta-te e Anda, da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, não sabia o nome, sabia que era irmã Lena; Sr. Lázaro Muniz, padre e pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos; senhoras e senhores, muito obrigado à deputada Maria del Carmen e ao deputado Marcelino Galo pela feliz iniciativa e a todos que os apoiaram na realização desta sessão especial.

(Lê) “A Campanha da Fraternidade é uma ocasião privilegiada para a vivência da fraternidade, tão necessária no mundo de hoje, marcado por tantas formas de violência que atingem pessoas, famílias, povos e a própria ‘casa comum’ onde habitamos. O tema escolhido, a cada ano, aborda sempre um problema social que necessita de maior atenção, reflexão e ação pela sua relevância e gravidade.

Neste ano, o tema é *Fraternidade e ecologia integral*, motivado principalmente pelos 10 anos da carta encíclica *Laudato Si’*, do papa Francisco, sobre o cuidado da ‘casa comum’, e pelos 800 anos da composição do *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis. A ecologia é justamente o tema mais abordado ao longo desses 61 anos de Campanha da Fraternidade, oito dessas campanhas já foram dedicadas à temática socioambiental.

Muita gente concorda com a importância das questões relativas ao meio ambiente e à preservação da natureza, mas nem todos admitem a sua urgência. Para muitos, as questões socioambientais podem ser deixadas para depois ou para os outros, sem o devido interesse e engajamento. Em tempos de grave crise social, ambiental e climática, é urgente a ‘conversão ecológica’, que, segundo o texto-base da campanha, exige ‘passar da lógica extrativista, que contempla a Terra como um reservatório de recursos sem fim, donde podemos retirar tudo aquilo que quisermos, como quisermos e o quanto quisermos, para uma lógica do cuidado’. Nós temos o grave dever de preservar a natureza, de cuidar com responsabilidade da ‘casa comum’ onde habitamos.

A Campanha necessita ser concretizada através de iniciativas pessoais e comunitárias. É muito importante a atuação dos órgãos públicos nos diversos níveis, a participação de organizações da sociedade civil, de escolas e universidades, mas também o empenho das famílias e de cada pessoa. Dentre as várias ações que podem ser realizadas, destacam-se: as políticas públicas para o enfrentamento da poluição do ar, das matas e das águas; a educação ecológica; a reciclagem de resíduos sólidos; o combate ao desperdício de alimentos e ao descarte inadequado de lixo.

O lema da CF, sempre extraído da Bíblia, ilumina e orienta a reflexão e o agir, pois se trata de uma iniciativa inspirada pela fé. Neste ano, é ‘Deus viu que tudo era muito bom’, do relato bíblico da criação, que se encontra no início do Livro do Gênesis. Este lema ressalta a bondade e a beleza da obra do Criador, motivando-nos

a contemplar e a cuidar dela com responsabilidade. Ao mesmo tempo, ressalta a dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. Conforme o refrão do Hino da CF: *‘Ao entregar o Paraíso ao ser humano, Deus contemplou sua beleza e seus dons. Louvado seja, nosso Pai, o Criador/Deus viu que tudo, tudo era muito bom’*.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Quando Deus concluiu a obra da criação, incluindo o ser humano, no sexto dia, ele viu que *‘tudo era muito bom’*. A missão confiada por Deus pode ser resumida nos verbos *‘cultivar’* e *‘guardar’* utilizados no próprio relato da Criação. Assim fazendo, colaboramos para um mundo mais fraterno, sem violências na *‘casa comum’* em que habitamos.

A realização desta sessão especial é motivo de esperança, de contar com o apoio dos poderes públicos, das autoridades, especialmente desta Casa, na realização da CF. A todos os presentes, desejo a graça de uma frutuosa Campanha da Fraternidade.

D. Sergio da Rocha, cardeal arcebispo de Salvador, *‘cidadão baiano’*”

Ele não está presente, porque o irmão dele está internado numa UTI, no interior de São Paulo, e ele está tratando da viagem. Ele já esteve aqui, como disse a deputada Maria del Carmen.

Mas eu queria deixar uma mensagem final, deputada. Dietrich Bonhoeffer foi um intelectual alemão, mas, sobretudo, um lúcido pastor protestante que se opôs ao nazismo e por isso foi preso. Na prisão, ele refletiu muito, tentando entender como era possível que seus compatriotas alemães estivessem apoiando tão fervorosamente Hitler e suas políticas irracionais e criminosas, sendo o povo alemão um dos mais cultos e avançados da Europa e do mundo, em termos científicos, tecnológicos e culturais.

Então ele chegou a uma conclusão: o povo alemão foi vítima da estupidez coletiva. Assim, Bonhoeffer escreveu um ensaio sobre a estupidez, que, hoje, vale a pena recordar. Segundo Bonhoeffer, a estupidez não tem causa psicológica, mas sim sociológica, ou seja, é contagiosa.

A estupidez de uma pessoa precisa da estupidez de outra, é como um feitiço formado por palavras de ordem que se apodera das pessoas. Por isso, você verá pessoas muito inteligentes e que, em determinado momento, se comportam de maneira estúpida, porque é uma recaída da sua personalidade que não tem a ver com suas capacidades mentais, que podem ser muitas.

Quando as pessoas estão passando por um período de estupidez, nunca acreditarão nos argumentos contra suas estupidezes, simplesmente os ignorarão. São absolutamente impermeáveis às advertências sobre as consequências catastróficas que suas estupidezes podem ocasionar a elas mesmas e aos outros estúpidos, e sempre se sentem orgulhosas de si mesmas e de suas estupidezes. Ainda mais, muitas vezes é perigoso tentar persuadir um estúpido com razões, pois ele se sentirá agredido, irritar-se-á facilmente e até tentará atacar.

Há momentos na vida, nas sociedades, em que contra a estupidez não há nenhuma defesa. Daí, nascem as outras ditaduras, assim como o declínio dos países.

E Bonhoeffer conclui: “Só quando o governo ou o regime social que produz a estupidez coletiva entra em colapso ou em crise, as pessoas podem se libertar dela e da dor que começa a surgir pela contradição de seus pensamentos e seus atos.”

Acredito que Bonhoeffer traduz para nós tudo que acontece com a natureza, com o clima, com a nossa vivência na sociedade e, hoje, com o momento em que estamos vivendo na história do Brasil, com a tentativa de um golpe para se tomar o poder neste país e acabar com a democracia e o Estado de direito.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Convido agora o nosso coautor desta sessão especial, o deputado Marcelino Galo, para utilizar a tribuna.

O Sr. MARCELINO GALO: Saudações a todas as nossas companheiras e nossos companheiros, nossos irmãos e irmãs. É um prazer para esta Casa recebê-los.

Cumprimento a nossa proponente que, seguindo o espírito da fraternidade, diz estar distribuindo comigo, mas, quando a gente fala das campanhas da fraternidade nesta Casa, sempre a proponente é a deputada Maria del Carmen. (Palmas) Então, nossa homenagem a esta deputada, que é nossa conterrânea.

O padre Zé Carlos falava, nossos ancestrais bem recentes viveram na Espanha. Nós temos dupla cidadania, nós somos brasileiros, com muito orgulho; e espanhóis. Mas a Espanha, padre Zé Carlos, viveu essa experiência cruel, o senhor falou do nazismo, mas lá viveram o franquismo, que era o fascismo. Então, essa experiência cruel que a sociedade viveu nós não podemos repeti-la, nós temos que fazer esse enfrentamento.

Hoje, nós estamos aqui discutindo uma das campanhas mais importantes da Igreja Católica, por meio da CNBB. Esse movimento toca em temas essenciais a nossa sociedade, sempre com temas candentes e agora pegando este tema que é central: a ecologia integral, com base no principal documento, o documento mais atual sobre o meio ambiente que nós temos na história, a carta encíclica *Laudato Si'*, do papa Francisco.

É urgente, nesta conjuntura, fazer esse debate sobre o meio ambiente, porque nós temos no maior império, na maior força econômica, um país sendo comandado hoje pelo supremacista branco, pelo fascista. Então ele quer lucro, quer organizar um pequeno número de bilionários e esses bilionários querem acumular. E, para acumular, exploram uma maior quantidade de seres humanos da forma como nós estamos vendo. O trabalho está sendo precarizado e há um horror de se ver falar em CLT, que garantia direitos. Nas escolas, até as crianças estão fazendo piadas com aquelas cujos pais ainda são trabalhadores formalizados, que têm os seus direitos. Então, é justamente esse o momento histórico.

Os bilionários não querem mais intermediários, eles querem explorar seres humanos e destruir a natureza. Então, esse paradigma de que tem de se explorar os recursos, os bens naturais; de que tem de se estimular o consumo sem nenhum tipo de controle faz com que os seres humanos passem a consumir bens totalmente

desnecessários. Então, tem que produzir tem que consumir e tem que descartar da forma mais irresponsável possível. Eles não se responsabilizam pelo descarte, então jogam na natureza. Este é o momento. Por isso, a gente tem que parabenizar aqui a deputada Maria del Carmen por esta sessão, e eu a saúdo.

Saúdo aqui o Sr. Yulo Oiticica, representante do governador neste ato, ex-deputado, que foi um grande deputado nesta Casa, um baluarte dos direitos humanos, e meio ambiente e direitos humanos, a gente não pode separá-los.

Saúdo a Sr.^a Sylvia, tenente aviadora, representando o comandante da Base Aérea de Salvador, o coronel aviador Sobreira – quero registrar que à época da organização do golpe, o comandante da Força Aérea se negou a participar. Que a nossa homenagem se transmita ao atual. Nós temos três forças: a Marinha, o Exército e a Aeronáutica. Nós temos que nos reportar a isso, porque esse foi um fato também muito importante para que hoje não estivéssemos vivendo uma ditadura, e estarmos fazendo esta sessão. Os dias 25 e 26 de março marcam a história deste país, fortalecendo e construindo o Brasil do futuro, aquele Brasil onde não vai ter ditadura nunca mais! Então, essa é a nossa homenagem à tenente Sylvia. (Palmas)

Quero agradecer ao padre Ferdinando Caprini, grande organizador deste evento; à Sr.^a Gilcilene Ferreira, a irmã Lena, aqui presente; ao padre Lázaro, e dizer que é a missa que eu mais assisti até hoje e é a missa mais bonita da Bahia, e me desculpe, padre Zé Carlos, sem querer criar nenhum tipo de cizânia.

Cumprimento também a irmandade dos pretos e pretas – como Jéssica me corrigiu –, aquela missa é a cara da Bahia, é a missa do combate ao racismo. (Palmas) Hoje pela manhã, nós tivemos uma reunião com William e com vários outros companheiros discutindo a questão da irmandade, e a reivindicação deles era justamente que a gente trabalhasse no sentido de ter as condições de regenerar, de restaurar os quintais do Pelourinho. A gente vê que lá tem muito espaço que foi destruído. Recentemente, o governador Jerônimo esteve lá para fazer o lançamento de um programa de direitos humanos que custou R\$ 300 milhões para trabalhar com os sem-teto, os moradores de rua e com os moradores.

Antes ele tinha feito ali a inauguração da Vila Nova Esperança, onde se construiu casas belíssimas, com a visão para a Baía de Todos-os-Santos, para garantir o direito de morar dos habitantes do Centro Histórico de Salvador. Isso é o contrário do que se fazia antes. Antes se higienizava, tiravam os moradores dali para preservar, mas preservar é justamente isso. Não existe preservação da natureza sem garantir os direitos dos seres humanos e, principalmente, daqueles que protegem as florestas, que protegem as águas.

Então, defender o meio ambiente é defender os direitos, a dignidade. Nós precisamos proteger essas comunidades, os nossos povos originários. Inclusive, nós vamos agora para o Extremo Sul, vamos organizar uma visita de parlamentares, porque é preciso separar o joio do trigo. As comunidades indígenas estão sujeitas ao que ocorre com toda a sociedade. Então temos que garantir ali os seus direitos, proteger as suas vidas e temos que trabalhar firmemente para a demarcação dos territórios indígenas, para garantir a regularização fundiária dos quilombolas, dos povos ribeirinhos, porque assim nós vamos ter como nossos aliados aqueles que protegem os recursos do mundo, os bens naturais do mundo.

Dos territórios protegidos, 90% deles são protegidos pelos povos originários e pelos povos tradicionais. Então, isso é que é conservação. Não podemos falar, de forma alguma, em preservar sem garantir direitos.

Então, eu queria aqui fazer o meu agradecimento a todos vocês que organizam isso. Aqui está a nossa companheira que é da ASA, vejam o trabalho que a ASA faz ali: a convivência com o Semiárido. Isso foi uma revolução, os coronéis, aqueles que se apropriavam da concentração de terras, da renda da expropriação nossos camponeses. Aí veio a ASA fazendo esse trabalho, desenvolvendo tecnologias sociais, captação, construção das cisternas. A gente agradece, e muito, por ter esse trabalho bancado, pensado, trabalhado com suporte das nossas pastorais, principalmente da Comissão Pastoral da Terra.

Também quero cumprimentar o Sr. Zanata, nosso companheiro coordenador da Pastoral da Cultura; o Sr. Mattedi, coordenador da Pastoral da Cultura da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Então esta cidade é criativa, vive com a cultura pujante, e a igreja está lá presente.

Muito obrigado a todos vocês. Vamos fazer uma grande Campanha da Fraternidade com este exemplo de fraternidade que dá aqui a nossa deputada, porque, pelo protocolo, só ela falaria. Então, muito obrigado também por me deixar falar neste microfone.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Ouvir V. Ex.^a é sempre um privilégio. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Eu queria registrar presença dele e convidá-lo para compor a Mesa, o Sr. Ailton Ferreira, que está representando a secretária de Assistência e Desenvolvimento Social do estado da Bahia, Fabya Reis. (Palmas)

Concedo a palavra ao padre Ferdinando Caprini, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. FERDINANDO CAPRINI: Querida deputada Maria del Carmen, deputado Marcelino Galo, V. Ex.^{as} são os donos desta Casa junto aos outros deputados. Quero parabenizar não só eles, não só a Mesa, mas todos vocês que estão presentes, porque, aqui, os direitos humanos se transformam em políticas públicas.

E como falou muito bem o deputado Marcelino, devemos, aqui, decidir como será o agronegócio, como serão as comunidades tradicionais, as comunidades indígenas que, na Bahia, continuam sofrendo bastante.

Com a deputada Maria del Carmen, nós já participamos de outras campanhas da fraternidade, inclusive, momentos quando manifestamos a necessidade de ter uma premiação dos direitos humanos. Quanto às pessoas e às instituições que trabalham todos os dias com os direitos humanos, que sejam respeitadas.

Instituímos, há alguns anos, o Prêmio Dom Hélder Câmara. Por que D. Hélder Câmara? Porque ele é patrono dos direitos humanos no Brasil. Isso foi decidido na Câmara Federal.

Hoje, estamos não para distribuir o Prêmio Dom Hélder Câmara, mas queríamos manifestar para as comunidades representadas por vocês presentes e as pastorais ou os trabalhos políticos que são feitos, representados na Mesa por meio de uma homenagem. Não vai ser o prêmio.

Este ano, o prêmio vai ser entregue, como todo ano, no Dia Internacional dos Direitos Humanos, dia 10 de dezembro. Se bem que já mandamos o prêmio, no ano passado, ao papa, ao cardeal, para algumas pessoas importantes. Este ano, já mandamos para uma líder religiosa dos Estados Unidos. Ela já recebeu o Prêmio Dom Hélder Câmara. Ela é bispa episcopaliana de Washington. Ela foi a única que enfrentou o Trump. (Palmas)

Hoje, há as comissões Justiça e Paz e o Centro Afro de Promoção e Defesa Da Vida Pe. Ezequiel Ramin. Nós queremos homenagear vocês, que estão compondo a Mesa.

Por isso, vamos entregar a Menção Honrosa de Direitos Humanos e ecologia integral Dom Hélder Câmara, em primeiro lugar, à deputada Maria del Carmen, pelo seu compromisso com políticas públicas em favor da vida na Bahia. (Palmas) Desde que eu conheci Maria del Carmen, ela sempre está trabalhando nisso. É bom que vocês mostrem para os outros fazerem a foto, porque, para nós, das comissões Justiça e Paz, é extremamente importante ver isso.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Hoje, a pessoa que me surpreendeu foi o deputado Marcelino Galo, porque a colocação dele foi perfeita. (Palmas) Ah, se nós tivéssemos todos os deputados que promoveram a cidadania do cardeal ontem, se estivessem presentes para isso. E devemos pensar seriamente, também, nas próximas eleições, no próximo ano, em quem vamos votar, em quem serão os eleitos deputados na Assembleia Legislativa.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

Uma homenagem especial ao cardeal, já foi manifestado na sua mensagem, e ao padre Zé Carlos, que continua sempre presente. Ele já ganhou o Prêmio Dom Hélder Câmara. Mas este ano, assim, ele vai ganhar o Prêmio Dom Hélder Câmara Direitos Humanos e ecologia integral. Neste momento, ele vai receber a menção honrosa.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A irmã Lena vai receber, também, pelo trabalho que ela está fazendo e resgatando a vida, sobretudo, dos sem casa, sem-teto, moradores da rua. (Palmas) Eu gosto de ouvir os aplausos, porque esses aplausos significam que vocês estão participando, sentados nos lugares dos deputados, assim estão participando, estão encorajando o pessoal a divulgar sempre mais o seu trabalho em toda a Bahia. A irmã Lena vai receber agora.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Depois, ao padre Lázaro, por seu trabalho incansável, sobretudo, com as comunidades afrobrasileiras.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Ao Yulo Oiticica que, desde que eu o conheço, sempre se dedicou aos direitos humanos.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Ao diácono Marcelo, que está aqui e nos acompanha sempre em todas as campanhas da fraternidade.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Gostei de ver, também, mais uma presença feminina. A tenente Sylvia vai também receber.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

Naturalmente, irmã Lena, agora, vai recuperar o lugar. Mas pode entregar, Rejane, pode já entregar aquilo que está em cima da mesa.

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

E todos vocês que estão vão receber uma pequena Menção Honrosa de Direitos Humanos e ecologia integral Dom Hélder Câmara 2025.

(O orador mostra folha impressa.)

Tem um espaço onde você pode colocar o seu nome pelo compromisso com políticas públicas em favor da vida da Bahia, que é a motivação. Depois, tem toda a questão do centro que promove, que são as comissões Justiça e Paz.

E, do outro lado, tem o calendário de bolso. Nesse calendário de bolso, temos já alguns eventos. Há o evento de hoje, aqui, na ALBA. Nos dias 25 e 27, vai ter uma assembleia das comissões Justiça e Paz da Regional Nordeste 3. E, no dia 10 de dezembro, naturalmente, como sempre, a Assembleia dos Direitos Humanos e Integridade da Criação que vai ser lá na diocese, seguida de uma missa dos direitos humanos. Todo mundo vai ser convidado. Todos vocês são os participantes e estão recebendo, neste momento, esta homenagem.

Agradeço a Maria del Carmen por ter dado esta possibilidade, também. E quem sabe a gente possa se encontrar no próximo ano, na próxima Campanha da Fraternidade, que vai ser sobre a moradia, as casas. Ai de nós se, realmente, pudéssemos ter casas saudáveis! Nós que moramos nas favelas e percebemos que não tem espaço. Devemos recuperar, absolutamente, o espaço da natureza que faz parte da vida integral do nosso povo.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra a Gilcilene Ferreira, a irmã Lena, pelo tempo de 5 minutos.

A Sr.^a GILCILENE FERREIRA SILVA (IRMÃ LENA): Saúdo a deputada del Carmen e, na sua pessoa, saúdo toda a Mesa. Deixo a nossa imensa gratidão.

Eu sou a irmã Lena. Faço parte da Pastoral do Povo da Rua. Aqui, represento todas as pastorais sociais que são voz profética, não só na igreja, mas em toda a sociedade. Então, eu tiro o chapéu para todos os meus companheiros e companheiras que estão lutando pela vida.

Vou ser muito breve.

A Campanha da Fraternidade não é mais uma mudança climática, é uma emergência cuidar da nossa casa comum. Somos chamados e chamadas a ser responsabilizados por esse ambiente. E a nossa campanha está muito ligada com a encíclica *Laudato Si'*, do papa Francisco. E ele, na sua infinita sabedoria, vai muito além. Ele não visa somente a cuidar da ecologia, mas de uma forma total.

(Lê) “ (...) Envolve várias esferas que estão interligadas e são essenciais para a construção do mundo sustentável e justo: ecológica, social, econômica, cultural, espiritual e, claro, a política.

A dimensão política da ecologia integral se refere à promoção de políticas públicas que integram o cuidado com o meio ambiente e à justiça social. Isso inclui a criação de leis e regulamentações que incentivem a sustentabilidade, além de uma governança que seja inclusiva e preocupada com o bem comum. Portanto, esta Casa não pode se refutar a essa responsabilidade, adotando medidas que respeitem o meio ambiente, e tudo isso que envolve.

A Campanha da Fraternidade nos chama a todos e a todas a uma reflexão profunda sobre o nosso papel, junto com nossos irmãos indígenas, de sermos guardiões e guardiãs da criação, no cuidado com o meio ambiente, buscando uma conversão integral em prol do mundo mais justo e sustentável.

Em nossa sociedade, trago o trabalho voltado para o cuidado com o meio ambiente que, muitas vezes, é visto como insignificante diante da sociedade. E quem são eles? Os recicladores, as pessoas em situação de rua, as cooperativas. Eles fazem um trabalho fundamental na sustentabilidade e na preservação do meio ambiente. Eles contribuem para a redução de resíduos, promovem a reutilização de materiais e ajudam a diminuir a pressão sobre os aterros sanitários. Sua inclusão, no debate da ecologia integral, presente na Campanha da Fraternidade, é essencial, pois aborda a dignidade humana e justiça social, reconhecendo esse trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras como protagonistas na construção de um ambiente mais justo e sustentável.”

Trago, também, para a nossa Igreja Católica, tantas iniciativas que fazem o cuidado com a casa comum. Um é na ASA, a ReciclASA, que recicla o óleo que vai para as paróquias. Faz a coleta do óleo, incentivando os paroquianos de toda a igreja ao cuidado da casa comum. Óleos que poderiam estar poluindo a terra.

Trago, também, o Projeto Levanta-te e Anda, presente em um belo, um pequeníssimo símbolo, todo de material reciclado.

(A oradora mostra escultura.)

Poderia até estar jogado no lixo e nos bueiros. Isso simboliza não só a questão do material, mas do ser humano, porque quem está atrás daqui são pessoas que, diante da sociedade, são tratados também como lixo. São pessoas que reciclam as suas vidas.

(Lê) “ (...) Então, é um exemplo significativo de como a reciclagem pode transformar a vida de pessoas em situação de rua. Por meio dessa iniciativa, recriam materiais recicláveis, promovendo a sustentabilidade e a sua própria reintegração social.

Além de contribuir com a preservação ambiental, o projeto favorece um espaço de autoestima, a reconstrução da sua própria história pessoal, fortalecendo a dignidade dessas pessoas e promovendo a sua inclusão social.

Essas experiências e iniciativas se alinham perfeitamente com os princípios da ecologia integral, pois abordam não apenas o meio ambiente, mas também os aspectos sociais, econômicos e humanos. Elas reforçam a importância de reconhecer o valor e o potencial de todos, especialmente dos marginalizados na nossa sociedade.”

Termino com a frase do papa Francisco: “A terra, meus irmãos e minhas irmãs, a terra, nossa casa comum, está sendo saqueada e destruída. E isso exige de nós uma responsabilidade urgente para as futuras gerações.”

Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Agradeço à irmã Lena pela sua fala e pelo seu compromisso, no dia a dia, a favor dessas populações e desse movimento.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Ouviremos, agora, um cântico com o diácono Marcelo Batista e a irmã Ana Castro. Voz e violão.

O Sr. Marcelo Batista: Queremos lembrar um canto, que é um canto do padre Zezinho: *Elegia pela terra ferida*. “Elegia” é um canto de lamentação. Então vamos ouvir. Acho que vocês têm folhetos e podem nos ajudar, podem acompanhar conosco, tá bom?

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra ao pároco da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, padre Lázaro Muniz. (Palmas)

O Sr. LÁZARO MUNIZ: Queridos amigos, queridas amigas, de fato, não vim a esta sessão na perspectiva de vir a esta tribuna para dirigir uma palavra, mas agradeço a oportunidade de estar aqui.

E quero saudar com muita alegria a nossa deputada Maria del Carmen, e agradecer imensamente por essas proposições, por esses trabalhos, por esse serviço em favor da vida, em favor da fé. Agradecemos também, imensamente, ao nosso deputado Marcelino Galo pelo compromisso. Obrigado pelos elogios à missa do Rosário, mas apareça sempre mais para rezar conosco, porque vale a pena estarmos juntos em oração.

Saudar essa Mesa querida, com tanta gente; saudar primeiro as mulheres, a nossa irmã Lena; a nossa tenente Sylvia, agradecer pela presença; Ailton Ferreira; os nossos padres, padre Zé, como eu chamo o padre Zé Carlos, padre Zé do Peru, (risos) e o nosso padre Ferdinando.

Quando estava ali, pensando na possibilidade de vir aqui, a esta tribuna para dizer uma palavra, eu fiquei imaginando que trazer apenas o problema da terra, ou da ecologia é fundamental, porém, nós precisamos olhar para esse problema interno da igreja. E a música *Elegia pela Terra ferida*, que agora foi cantada, foi proposital,

foi valorosa, foi a graça de Deus, daquilo que eu estava pensando em fazer a pergunta para dentro da igreja, para dentro de nós, para a nossa casa diante de um questionamento que está tão grande: a ideia de que nós não precisamos fazer isso, que nós não precisamos tratar disso, que nós precisamos cuidar apenas das almas. E estamos todo dia ouvindo alguém... Está uma guerra enorme, a guerra entre frei Gilson e padre Júlio... a guerra entre não sei quem mais não sei quem, com a ideia de que nós precisamos cuidar das almas.

Eu lembro sempre quando, numa dessas discussões, em que alguém gritava que a igreja tem que cuidar das almas e o governo tem que cuidar das questões sociais. E uma velhinha, uma senhorinha, muito simples, levanta no meio da assembleia e pergunta: “Quem é que cuida de nós?”

Para dizer que nós não somos apenas alma, não somos apenas corpo, somos pessoas e precisamos que alguém cuide de tudo, que cuide do conjunto da existência. E cuidar do conjunto da existência é cuidar, é fazer a conversão ecológica, é fazer a conversão pastoral, é fazer a conversão pessoal, é fazer a transformação, é trazer para o coração os cuidados que precisamos ter com tudo. E a pergunta dessa música é fundamental: “*Que foi que fizemos contigo, planeta terra! / Que foi que fizemos contigo ó mãe terra!*” Onde nós estamos cuidando? De que forma estamos cuidando daquilo que de Deus recebemos?

E, sem dúvida, o papa Francisco é esse grande apóstolo do cuidado com a terra, do cuidado com o planeta, com a ecologia, com a casa comum, com tudo aquilo que é importante para nós. E é nessa importância, querido Yulo, você que está há tanto tempo lutando, desde a sua juventude, não é? Agora já com os cabelos brancos, mas há tanto tempo lutando pelos direitos, é essa luta que nós precisamos imprimir cada vez mais, e ter a certeza de que não há nenhum mal, nenhum erro em cuidar desse tempo da Campanha da Fraternidade em um tempo especial que chamamos de quaresma para a nossa fé.

Porque se não mudarmos interiormente, se não mudarmos as práticas que fazemos externamente ou se não mudarmos as práticas interiores não mudaremos nada. Então, precisamos mudar. É tudo sobre o nosso compromisso com a terra, o nosso compromisso com a vida, o nosso cuidado com as pessoas, a nossa relação com tudo aquilo que Deus nos deu e que precisa ser cada vez mais valorizado.

Que Deus abençoe esta Casa por trazer esta temática. E claro que aqui fica também o nosso apelo, que a gente não trate das questões climáticas e todas as coisas apenas no âmbito de criar mais leis ou mais estrutura. Legislação temos demais, precisamos ter práticas, políticas públicas verdadeiras que transformem, que mudem, que construam uma sociedade melhor, que valorizem o planeta, que valorizem as pessoas e que dê a esses mesmos homens e mulheres, cidadãos e cidadãs, a possibilidade de viver com dignidade no seu lugar, perto dos rios, perto das fontes, tendo trabalho, tendo comida, tendo casa, tendo a possibilidade de cultivar e de cultuar o seu Deus, de cultivar a sua terra e de viver uma vida feliz.

Deus abençoe. Muito obrigado a todos, gratidão. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, padre Lázaro. É um prazer estar aqui com V. S.^a.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Eu queria registrar a presença da representação da Comunidade São Francisco de Assis, de Periperi; do Sr. William Justo, prior da Igreja Rosário dos Pretos; da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Periperi; da Paróquia Conversão de São Paulo, na Fazenda Grande do Retiro; Sr.^a Juliana Vitorino, coordenadora dos Pontos de Cultura da Bahia, que neste ato representa o secretário de Cultura da Bahia, Bruno Monteiro; o Sr. Eduardo Mattedi, coordenador da Pastoral da Cultura da Arquidiocese de Salvador. Prazer, obrigada pela presença.

Quero registrar a presença também de André Fidalgo, da Desenhahia, aqui representando a Desenhahia, é importante também sua presença. E registrar a presença de frei Jorge, pároco da Igreja Nossa Senhora da Paz. (Palmas)

Ouviremos mais um cântico com o diácono Marcelo Batista e a irmã Ana Castro.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Mais um belíssimo cântico.

Quero registrar a presença de nossa amiga e companheira de caminhada Beth Wagner, secretária de Meio Ambiente do PT, Partido dos Trabalhadores. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Concedo a palavra a Ailton Ferreira, representante da secretária Fabya Reis, pelo tempo de 2 minutos.

O Sr. AILTON FERREIRA: Bom dia a todas e todos.

Cumprimentar a Mesa na pessoa da minha companheira, amiga de muitos anos, a deputada Maria del Carmen. São 2 minutos, Maria? Eu nem vou falar seu nome todo, Maria del Carmen Sanchez Puga, mas nem vou dizer tudo. Quero cumprimentar a todos e todas, dizer que é mais uma sessão que a deputada Maria promove aqui, sempre atenta à Campanha da Fraternidade, que é uma campanha importante da CNBB, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Antes, Maria, eu queria pedir permissão... eu não posso pedir 1 minuto de silêncio aqui porque eu não sou deputado, mas faleceu nesta madrugada D. Mariah Ferreira, mãe Mariah Kesi, de São Félix, aos 90 anos, e nos deixa um legado da cultura afro-brasileira, da religião de matriz africana. Ela era uma grande diva do Recôncavo da Bahia, muito querida e, particularmente, uma grande amiga. No meu aniversário, levou para mim uma panela enorme de maniçoba. Uma pessoa que eu amo e continuarei amando muito. Uma salva de palmas para mãe Mariah Kesi. (Palmas)

Obrigado a todos e todas.

Um dia triste hoje, Maria, porque faleceu também o filho de Abdias Nascimento, Abdias Nascimento Filho, "Bida Nascimento", artista multifacetado, parceiro dos artistas da Bahia. E, nesta data, faleceu aos 18 anos, em 1968, o estudante Edson Luís, que não estava na luta contra a ditadura, mas foi assassinado

pela ditadura porque usava o restaurante Calabouço para almoçar. Ele era estudante de curso técnico; saiu de Belém. Então, no dia 28 de março de 1968, a ditadura militar assassinou um jovem de 18 anos, que saiu de sua cidade para o Rio de Janeiro cheio de esperança, e essa esperança foi paralisada, estancada pela força da ditadura militar.

Por isso, nós exigimos a punição de todos aqueles e aquelas que conspiraram para dar um golpe no Brasil, na democracia, nas instituições democráticas e não respeitaram o voto popular. Bolsonaro e sua família na cadeia, sim! (Palmas)

E esta é a nossa igreja, a igreja de padre Zé Carlos, do Alto do Peru; a igreja do meu padre Lázaro;...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) a igreja do padre Ferdinando, da Sussuarana; que é a igreja de D. Hélder Câmara, de D. Pedro Casaldáliga, de D. Paulo Evaristo Arns; a igreja da transformação, a igreja que, agora, nesta campanha, pega como referência a encíclica do papa Francisco, que fala que tudo está ligado com tudo, não estamos separados. Então, quando falamos de ecologia integral, padre Zé Carlos, padre Lázaro, padre Ferdinando, falamos que tudo está ligado com tudo.

Eu quero aproveitar o meu tempinho de 2, 3 minutos para pedir a Maria del Carmen que nesta Casa Legislativa, você, Maria, a senhora, deputada, tem um compromisso com a cidade do Salvador. Lembro-me de que numa certa feita você, como deputada, fez um trabalho na Baixa dos Sapateiros para tentar melhorar a economia, fortalecer. Deputado Marcelino Galo, a Baixa dos Sapateiros está sangrando. De 450 lojas, Yulo, em 1998, quando Maria era presidente da Comissão de Desenvolvimento Econômico desta Casa, ela fez um trabalho ali e identificou 450 empresas funcionando. Hoje, eu não sei se tem 100 empresas funcionando. São muitas pessoas desempregadas.

Aquelas casas, em sua grande maioria, pertencem à Arquidiocese, padre Ferdinando. Então, penso que é um momento, padre Zé Carlos, de fazermos um chamamento da comunidade do entorno da Baixa dos Sapateiros, da Saúde, o Sebrae, o Sistema S como um todo, esta Casa liderando, com Maria del Carmen e Marcelino Galo, para a gente fazer um trabalho de integração e devolver a Baixa dos Sapateiros ao povo da Bahia.

Eu estou dizendo isso inspirado na cartilha da Campanha da Fraternidade, que traz uma foto de São Francisco – a Igreja de São Francisco está ali pertinho a nos orientar, essa igreja que recentemente sofreu um abalo físico em sua estrutura – e o cartaz também fala das cidades. Ali também é um lugar, é a cidade, é a nossa reverência e nossa referência.

O Pelourinho, deputado Yulo, passa por uma certa crise de segurança pública, não por falta de polícia, ali tem policiamento a toda hora, todo dia, mas é o impacto do esvaziamento econômico, da perda dos empregos e do esvaziamento do Centro Histórico de Salvador, que ficou um lugar abandonado, serve para as pessoas em condição de rua dormirem, e somente.

Lembro-me de que quando era criança minha mãe ia comprar ali, minha avó ia comprar ali, preocupadas com o tempo para percorrer aquelas lojas e segurando

as bolsas, com medo de, de repente, serem assaltadas. Hoje, na Baixa dos Sapateiros, é um vazio. Às 9 horas da manhã, é um vazio; às 16 horas, não tem nem quem puxe a bolsa, se você andar com a bolsa na mão, porque acabaram... A Baixa dos Sapateiros está sangrando.

Então, falando de integração, de ecologia integral, de que tudo está misturado com tudo e de que o cuidado é com a cidade, mas tendo como protagonismo o cuidado com o ser humano, com as pessoas, eu quero, aqui, Maria, ousar e pedir à deputada e ao deputado Marcelino Galo: façam uma pauta. Nos colocamos à disposição desta Casa para a gente rediscutir a Baixa dos Sapateiros, o desenvolvimento integrado e sustentável, buscar uma vocação especial. E ali tem, porque nós temos a cultura afro-brasileira, temos os blocos.

Ali pode ser um espaço, Yulo, de construção de fantasias, de atabaques, de instrumentos. Ali pode ter restaurantes temáticos. Nós não temos um restaurante do Benim, nós não temos um restaurante de Angola, nós não temos uma comida da Nigéria. Aquilo ali pode ser um grande polo de gastronomia, de economia, de geração de emprego e renda; e a gente não vai precisar ficar assustado no Pelourinho, porque se ali tiver ocupação e vida, o Pelourinho também vai repercutir com vida, segurança e proteção.

Não está fora da campanha. A capa da campanha é a igreja de São Francisco e as cidades. E São Francisco foi um exemplo de homem novo que adorou o Deus e transformou a vida dele para transformar a vida em sociedade.

Então, eu quero, em minha fala, dedicar esta campanha ao renascimento da Baixa dos Sapateiros e da Barroquinha, porque o modelo ruim, ao qual esta campanha também é contra, o modelo econômico excludente esvaziou propositalmente para beneficiar os shoppings, porque querem “iguatemizar” toda a cidade.

Criaram uma Estação da Lapa – Maria sabe disso – e a mesma empresa fez dois terminais de ônibus. Terminaram com a mão dupla...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campanhas.)

(...) da Baixa Sapateiros para as pessoas irem direto para o shopping center, só enriquecer os que já estão ricos, e acabar com a Baixa dos Sapateiros, como acabou. Inclusive, Maria del Carmen foi vítima, porque a sua família perdeu também empresas que funcionavam ali, que geravam empregos e que foram esvaziadas por esse projeto neoliberal excludente.

Então, muito obrigado pela atenção, e obrigado por passar um tempinho do horário. Valeu!

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, Ailton. Nós já nos conhecemos há muito tempo, então eu preciso pedir desculpas por ter reduzido seu tempo, porque eu sabia que vocêalaria enquanto desejasse.

(Não foi revisto pelo orador.)

A PRESIDENTA (Maria del Carmen): Nós temos ainda no roteiro o padre Zé Carlos para fazer a oração da Campanha da Fraternidade, e tem o Yulo. Vou deixar

para que Yulo faça sua fala, depois a gente passaria ao padre Zé Carlos para fazer a oração da Campanha da Fraternidade.

Queria, Ailton, dizer que nós aprovamos, na terça-feira desta semana, a criação da Comissão de Desenvolvimento Urbano, que era especial e agora se transforma em comissão permanente. É uma área que precisa de uma visão, de um enfoque muito particular e de debate. Deputado Marcelino também está convidado para fazer parte dessa comissão, é muito importante que você possa vir a participar com a gente e construir as referências necessárias para debater e discutir que cidade nós temos, que cidade nós queremos, que cidade é possível construir, em áreas como o Pelourinho.

Mas eu queria também dizer que, nesta Casa, já começaram as mudanças de coisas muito bem enraizadas no momento em que uma mulher, pela primeira vez, assume a direção da Assembleia Legislativa da Bahia, (palmas) o que é um exemplo, inclusive, para o Brasil, porque são poucas as presidentas de assembleias.

Nesta semana, nós tivemos a vitória de, pela primeira vez, uma mulher assumir a responsabilidade da direção e condução dos diversos programas e projetos, o que já se fez sentir com a nossa presidenta Ivana Bastos. Também se tem ainda a perspectiva de eleger a deputada Fátima Nunes, membro do Partido dos Trabalhadores. Então, mais uma mulher que assumirá a Vice-Presidência desta Casa. (Palmas)

Eu queria passar a palavra a Yulo Oiticica, assessor da Serin, que uma vez deputado, sempre deputado. V. Ex.^a já fez parte desta Casa, com mandatos brilhantes. A sua dedicação com a questão dos direitos humanos é patente para todos. Todos conhecem a sua ação e nós temos um prazer muito grande em termos você aqui, representando o nosso governador do estado, que tem uma preocupação com o social e com a construção de uma sociedade do jeito que sonhamos: fraterna, igual.

Então, Yulo, a sua fala.

O Sr. YULO OITICICA: Há tanto tempo sem frequentar aqui que estou desacostumado. Jéssica não me deu um treino, então eu vou falar o que é possível.

Deputada Maria del Carmen, parabéns! V. Ex.^a, como sempre, fazendo um mandato participativo, possibilitando encontros como este, que privilegia a relação direta com a sociedade organizada. Isso, Mattedi, é o que fortalece a democracia representativa. Sem isso, os mandatos deixam de ser meio e passam a ser fim; quem reina é Maquiavel e a gente deixa de ter um Parlamento que verdadeiramente instrumentaliza os mandatos como instrumento de luta, instrumento de transformação.

Parabéns, Maria del Carmen! Parabéns ao deputado Marcelino Galo pela coautoria desta sessão especial. O governador, padre Zé Carlos, padre Lázaro e padre Ferdinando, tem tido uma relação privilegiada com a CNBB, que é um instrumento fundamental para a manutenção da democracia em nosso país. Tanta importância é dada a esse tema, tendo em vista o que já foi colocado pelo padre Zé Carlos, que é a 8ª Campanha da Fraternidade que trata desse tema. Isso se dá naturalmente devido a sua importância, mas não é só isso, a última nota da CNBB

fala exatamente da tentativa de retrocesso do Congresso diante da aprovação da Lei da Ficha Limpa.

Com o Congresso que temos, corremos o risco de daqui a pouco ter uma lei da ficha suja. Ou seja, é preciso que o candidato tenha uma ficha suja para participar. O projeto de iniciativa popular diz exatamente o contrário: é preciso ficha limpa como precedente, obviamente, para representar uma parcela do povo, tendo em vista a democracia representativa.

É a primeira que vez que temos um governador que se autointitula indígena. O governador Jerônimo Rodrigues tem uma relação com a CNBB, padre Zé Carlos. Imagine que, antes da posse – depois da vitória eleitoral e antes da posse –, o governador foi ao encontro da CNBB, aqui no Regional Nordeste 3. Ele me ligou à noite, porque teríamos uma reunião lá com todos os bispos durante 1 hora e meia, mas acabamos ficando a manhã inteira, almoçamos lá, dando uma demonstração de que para nós, do governo do estado, a partir do comando do governador Jerônimo, essa relação seria uma relação sistemática na tentativa de ouvir a CNBB, tendo em vista não só seus serviços prestados durante esses longos anos, mas a importância da CNBB com a sua coragem, com o seu debate e com a sua formulação.

Vale lembrar que, depois da posse, ele já teve vários encontros individuais com bispos, inclusive, tratando dessa questão específica do meio ambiente, a exemplo de uma reunião com o então D. Beto, bispo de Juazeiro, que veio trazer a questão das minerações. A gente sabe que ao se falar em mineração no mundo, fala-se sempre de bilhões de dólares, ou seja, a relação com as comunidades é zero, não há nenhuma transparência. E o governo do estado é o que tem de fazer primeiro essa interlocução de comunicar aos donos da terra, de comunicar à comunidade o que é que se pretende fazer para que, obviamente, nessa relação tenha a participação direta da comunidade.

Não tem sido diferente com outros bispos da nossa arquidiocese. D. Sergio, pela segunda vez, já teve uma reunião com o governador. A gente pediu tanto a Deus, padre Lázaro, por um bispo latino-americano e não podia ser diferente o nome: “Francisco”. A gente sempre agradece a Deus a vinda do Francisco de Assis e hoje agradece pelo Francisco argentino. Você viu que a rivalidade até acabou, ou diminuiu bastante, depois do papa, não é? O papa tem tido constantemente essa preocupação com o planeta, uma capacidade extraordinária de identificar os conflitos do mundo, atento, como foi dito aqui ontem, à floresta, mas sempre cuidando da árvore, vendo cada indivíduo, cada comunidade, cada nação a partir da sua soberania e de suas particularidades.

Aqui não é diferente, hoje temos um cardeal que tem uma ação constante de preocupação e que, lembrando a Madre Teresa de Calcutá, sabe da importância da oração, mas sabe que as mãos agindo têm mais importância do que ela. Portanto, a oração tem que nos fortalecer para que sejamos de fato instrumentos.

Então, D. Sergio, imagine. Imagine aí, Gilberto, um cardeal procurar o governador para dizer: “Estou preocupado com as políticas públicas e podemos interagir nessa, nessa, nessa...” Ou seja, uma ação propositiva, corajosa, porque muitos ainda têm essa ideia, Mattedi, de que as coisas não devem se misturar como

se uma interferisse na outra, como se uma não pudesse dialogar com a outra, como se a riqueza da unidade na diversidade não fosse o trunfo da democracia, da convivência na democracia. Esse medo acaba sendo vencido por práticas muito simples do cotidiano quando se trata do que é comum a nós, do que é de nosso interesse. D. Sergio tem feito isso de forma muito tranquila, presente junto ao governo, e interagindo. Não é à toa que o combate à fome tem tido uma presença tão grande da igreja.

Vou contar uma particularidade, aproveitando que estou representando o governador, mas ele está ausente. Imaginem que, no ano passado – e acho que a gente tem algumas testemunhas aqui, dentre elas Gilberto, que é da paróquia de Pau da Lima –, eu estava na missa da Quarta-Feira de Cinzas, padre Zé Carlos, e padre Jorge começou a falar. O senhor conhece o padre Jorge, uma pessoa que fala muito pouco, não costuma falar muito, não costuma criticar muito, não costuma sugerir muito – e eu estou brincando, porque é o contrário –, (risos) mas o padre Jorge começava a falar que ele levava um sopão às quartas-feiras para os moradores em situação de rua, Ailton, e você é testemunha disso, inclusive da ação, e padre Jorge dizia: “Eu fui levar a sopa, e a turma lá na rua dizia que precisava de água.”

Então, Marcelino, você imagine o povo vivendo na rua, morando ali, no dia a dia, à noite sem água, imagine a aflição dessa turma a ponto de dizer: “Eu quero pão, mas, mais do que pão, eu preciso de água.”

O padre Jorge dizia isso na missa. Eu estava na missa e mandei uma mensagem para o governador. Confesso que não mandei com muita fé de que ele fosse responder imediatamente. E ele respondeu imediatamente, em menos de 10 minutos: “Já vou ligar para a secretária Fabya Reis e vou ver o que a gente pode fazer”. Eu fui e mostrei ao padre Jorge ainda na missa. O padre Ferdinando também foi outra testemunha disso. Ainda na missa, dei a notícia ao padre Jorge. E até o final do ano nós conseguimos levar uma cozinha comunitária para a paróquia de Pau da Lima e levar um bebedouro para os moradores de rua e estamos em um processo avançado de instalação dessa ação concreta.

Ou seja, esse é o governador que nós temos: um governador profundamente preocupado e alinhado com aqueles que se propõem a contribuir, inclusive com críticas. E eu repito, padre Jorge, que aprendeu com o senhor a estar sempre atento para reclamar quando for preciso. Essa reclamação é fundamental para que as coisas aconteçam.

Portanto, essa relação com a CNBB, para nós do governo, é de extrema relevância. Nós lembramos o que foi o trauma dos 500 anos no governo Fernando Henrique e aquela celebração que nós tivemos no Extremo Sul da Bahia. Agora a CNBB vai se reunir nos dias 24, 25 e 26 de abril em Cabralia e, obviamente, um encontro do regional Bahia e Sergipe. Ao final, vai ter uma missa dos 525 anos da chegada dos europeus ao Brasil. Nós queremos que essa seja verdadeiramente “outros 500”. Existe a possibilidade de o presidente da República estar, mas isso ainda não foi confirmado. Está confirmada a presença do governador, que não abriu mão de participar. Além de participar da missa, uma parte do encontro da CNBB vai

ser reservado para os bispos e o governador a fim de tratarem de questões específicas, individuais, a partir de cada diocese, mas também coletivas.

Esperamos que seja verdadeiramente “outros 500”, porque nós sabemos dos conflitos que nós vivemos hoje com a questão indígena no Brasil, e na Bahia não é diferente. Nós temos hoje, como foi criada pelo governador e todos sabem disso, uma coordenação dos povos indígenas dentro de uma secretaria de Estado. Nós temos representantes dos povos indígenas em todas as secretarias, mas esse processo lento, quase inexistente, de demarcação é grave, é muito grave.

É uma tarefa do governo federal com as cortes maiores da Justiça brasileira e tende a se agravar, porque, com a realidade das nossas casas legislativas, Congresso e Câmara Federal, nós não temos um bom horizonte pela frente. E, infelizmente, o Poder Judiciário, na sua maior corte, como disse, acaba ficando refém dessa lógica. Aí, temos a barbárie, porque a lógica hoje no Extremo Sul é grave por conta das retomadas. Os fazendeiros chamam de invasão, os indígenas chamam de retomada. O fato é que a guerra está instalada. E, infelizmente, nessa guerra, nós sabemos, não morre dos dois lados, morre sempre de um lado só.

Portanto, a Campanha da Fraternidade nos convoca, mais do que nunca, não só a construir unidade na diversidade, mas também, assim como William e a paróquia do Rosário dos Pretos, a se perguntar: “E eu com isso?” Quer dizer, cada um no seu canto, o que pode produzir? Cada um na sua casa, literalmente, o que pode construir? A ideia, por exemplo, dos quintais produtivos tem tudo a ver, não é? Precisamos, verdadeiramente, cuidar do lixo da nossa casa, do lixo da nossa rua, da nossa educação ambiental. Essa transição se fará de forma coletiva ou não se fará, principalmente em um país onde se costuma dizer que tem lei que pega, tem lei que não pega. Como disse padre Zé Carlos, o arcabouço de leis é gigantesco, mas isso não basta. É preciso construir verdadeiramente, Mattedi – você que é da área –, uma cultura da cumplicidade, com essa nova cultura de cuidado do meio ambiente.

Os indígenas costumam dizer que enquanto a gente não matar o último rio, ou cortar a última árvore, a gente não vai perceber que dinheiro não se come. É exatamente com um provérbio indígena que eu termino a minha fala. Os indígenas costumam dizer – e seria tão bom se a gente levasse isso a sério – que nós não herdamos a Terra dos nossos pais, nós não a herdamos dos nossos antepassados, nós a tomamos emprestado dos nossos netos e vamos ter que devolvê-la a eles. Eu espero, com fé em Deus, que nós sejamos capazes de devolvê-la melhor do que como nós a encontramos.

Obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Obrigada, ex-deputado Yulo Oiticica, que neste ato representa o governador.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Eu queria convidar o padre Zé Carlos, da ASA, para fazer a oração da Campanha da Fraternidade. Depois, nós teremos mais uma apresentação.

Enquanto isso, eu queria registrar a presença do Capdever, a Roberjane e várias companheiras e vários companheiros estão aqui. Queria registrar também a presença de Evangelina.

O Sr. José Carlos: Eu queria fazer só um esclarecimento: há a ASA – Ação do Semiárido – e há a ASA – Ação Social Arquidiocesana.

Oração da Campanha da Fraternidade 2025:

“Ó Deus, nosso Pai, ao contemplar o trabalho de tuas mãos, viste que tudo era muito bom! O nosso pecado, porém, feriu a beleza de tua obra, e hoje experimentamos suas consequências.

Por Jesus, teu Filho e nosso irmão, humildemente te pedimos: dá-nos, nesta Quaresma, a graça do sincero arrependimento e da conversão de nossas atitudes.

Que o teu Espírito Santo reacenda em nós a consciência da missão que de ti recebemos: cultivar e guardar a Criação, no cuidado e no respeito à vida.

Faz de nós, ó Deus, promotores da solidariedade e da justiça. Enquanto peregrinos, habitamos e construímos nossa Casa Comum, na esperança de um dia sermos acolhidos na Casa que preparaste para nós no Céu. Amém!” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Bom, já pelo adiantar da hora e todos que estiveram aqui já... Queria concluir nossa presença, passando para o deputado Marcelino para fazer a sua fala final e depois encerramos a sessão.

O Sr. Marcelino Galo (fora do microfone): Pode encerrar já.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen): Então, quero agradecer a presença de todos e de todas, como também dizer que, para mim, é uma alegria conseguir estar aqui com vocês para realizar esta sessão especial.

Quero agradecer a Marcelino por ter aceitado o convite para que, juntos, pudéssemos realizar mais uma vez, aqui na Casa, esta importante sessão especial que traz para debate e discussão, na Casa das Leis, a perspectiva do que fazemos com essas leis e a perspectiva que elas têm de transformação da vida.

Acho que saímos daqui bastante fortalecidos para esse desafio. Considerando que a Terra é a nossa casa, qual a contribuição que cada um de nós vai dar na construção e na manutenção desta casa de todos nós?

Então, agradecemos e termina nossa... Enquanto eu estarei encerrando, quero agradecer também ao nosso dueto, que aceitou vir aqui, neste dia, na Assembleia Legislativa.

Esta sessão foi transmitida ao vivo e, portanto, tem alguns...

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço as presenças das autoridades civis, militares, eclesiásticas, das senhoras e dos senhores, da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão.

Canto final com o diácono Marcelo Batista e a irmã Ana Castro. (Palmas)
(Procede-se à apresentação musical.)